

ENCARTE PARA O PROFESSOR

Diário de um lobisomem

Georgina Martins

Ilustrado por Maurício Veneza

Que lobisomem virou folclore, todo mundo sabe. O que não se sabe mesmo é se ele existe. No entanto, a personagem deste livro vai contar a história do dia em que viu um. Mas antes, conta o que sabe sobre o tal “bicho” e as várias histórias que já ouviu outras pessoas contarem. Este texto fantástico traz ao leitor de maneira lúdica, um apanhado sobre a figura popular do lobisomem.



Assuntos: lobisomem, folclore

Interdisciplinaridade: Língua Portuguesa, História, Arte

Tema Transversal: Ética

2ª Edição 2006

32 p./ 20,5 x 27,5 cm/ ISBN 85-368-0102-6

OS ENCANTOS DE UM PEQUENO LOBISOMEM

Após ler o *Diário de um lobisomem*, fica a impressão de que é quase impossível acrescentar algo. Resultado de profunda pesquisa histórica, o conhecimento da autora foi adaptado, com brilhantismo, aos olhos e ouvidos infantis. A concepção da obra foi feita de maneira tão inteligente que a vontade é acrescentar apenas “bravo”!

Ressaltem-se suas várias qualidades e estratégias narrativas:

- A sensibilidade ao abordar um tema delicado, tanto para os pequenos quanto para os adultos: o medo.
- A sedução do leitor pelo artifício do diálogo constante da personagem principal com a pessoa que está lendo.
- A inserção de dados históricos referentes ao tema principal, o lobisomem.
- O relato de crenças populares que envolvem a figura do homem-lobo.

A estratégia mais sutil, no entanto, é a que tem o mérito de prender o leitor

Encarte integrante do livro *Diário de um lobisomem*, de Georgina Martins, ilustrado por Maurício Veneza, publicado pela Editora DCL – Difusão Cultural do Livro. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução sem prévia autorização da editora.



até o final: o menino-narrador, ao criar a expectativa no início – contar como e quando o lobisomem lhe apareceu – provoca um suspense que dura até o fim. Quando, finalmente, dá-se o momento mágico, é de modo enviesado e quase imperceptível – é na forma do velho Thiess que o “lobisomem” sai do livro para lhe entregar o ramo de erva-doce. O momento mágico já aconteceu – percebeu? – mas o leitor prossegue até o final, chegando ao anticlímax simulado das últimas linhas.

Mas, afinal, que tipo de lobo é esse, que reflete sobre suas próprias “lobices”? É um ser em formação que procura compreender seu lugar no mundo, exatamente como os pequenos leitores, que também precisam aprender a lidar com seus próprios medos. Apreendê-los como estímulos aos processos de transformação inevitáveis no ciclo da vida, aceitando erros e acertos como partes opostas e complementares da natureza humana.

Apesar de exigir certa aptidão para a leitura, *Diário de um lobisomem* é um texto que respeita a capacidade intelectual dos pequenos leitores, uma vez que há freqüentes desdobramentos na história. Deixemos por conta da imensa imaginação das crianças a habilidade de seguir os volteios da mente fabulosa do garoto-narrador.

E não duvidemos da agilidade mental dos leitores-mirins para perceber nas entrelinhas as influências intertextuais dessa narrativa que se lê de um só fôlego. Um longo fôlego, é bem verdade, mas um único, pois é um livro que enfeitiça, e duvido que alguém consiga largá-lo antes do final.

Lobos e lobas: mitos e simbolismo

O lobisomem é o mais popular dos inúmeros animais fabulosos, e sua tradição vem de muito longe, no tempo e no espaço. Lobo selvagem e loba libertina são atributos arquetípicos do animal que a lenda escolheu para se misturar ao homem na figura do lobisomem. Na linguagem simbólica, porém, esses animais são interpretados de modo mais complexo, com valorizações positivas e negativas, ligadas ao poder, ao medo e ao desejo.

Entre os nórdicos e os gregos, pelo fato de enxergar à noite, o lobo é símbolo de luz, ligado aos deuses Wotan, pelos nórdicos, e Apolo, pelos gregos. Na cosmogonia e cosmologia chinesas, o criador do mundo é o lobo azul-celeste, e a estrela Sirius (o lobo celeste) é guardiã do Palácio Celeste (a Ursa Maior). Para os turcos, o lobo-azul era o ancestral mítico do grande Gengis Khan. O lobo representava o céu no mito de origem, cuja união com a corça branca (a terra) simbolizava a hierogamia, isto é, o casamento sagrado entre o céu e a terra.

Roma, hoje capital da Itália, teria sido fundada por Rômulo e Remo, que sobreviveram por terem sido amamentados e cuidados por uma loba. A loba foi deificada,

dando origem às festividades chamadas lupercais, no mês de fevereiro, que se iniciavam na gruta onde, segundo a lenda, os gêmeos haviam sido criados. O lobo é associado à fecundidade, e ainda hoje, em algumas culturas, mulheres estéreis o invocam, pedindo para ter filhos.

Na mitologia grega, um dos deuses teriomorfos é o Zeus Likaios, figurado como lobo. Na etimologia revela-se a dupla natureza do lobo, pois Likaios vem de *lykos* – lobo, em grego – palavra ligada a *lux* – luz, em latim. O lobo, portanto, está relacionado simultaneamente à luz e à sombra (como veremos a seguir, no simbolismo negativo). No Egito zoólatra, havia o deus-lobo Upuaut, condutor das almas pela escuridão do reino dos mortos: o lobo assume então a função de psicopompo, como o deus Hermes na mitologia grega.

Na tradição mítica africana e asiática, a licantropia insere-se na antiqüíssima cultura da dupla personalidade, no contexto de uma aliança mágica entre homens e feras. Ritos iniciáticos favorecem a faculdade do duplo gênero, isto é, de alguém ser a um só tempo humano e animal. Há registros de histórias de homens-lobos, homens-tigres, mulheres-hienas, homens-leopardos e mulheres-panteras.

O aspecto negativo do lobo está em seu poder destrutivo: manifestação do princípio do mal, é um dos animais do demônio e de todos os deuses da guerra, como Marte. Na mitologia germânica, o fim dos tempos está associado à libertação de Fenrir, o pior dos lobos e guardião dos Infernos. O poder devorador do lobo é uma vantagem e ao mesmo tempo um ponto fraco, pois sua voracidade o faz perder a esperteza, e ele passa de predador à presa, como no conto de Grimm, *O lobo e as sete cabrinhas*.

Na visão da psicanálise, o lobo nos contos de fada simboliza o pai. Os clássicos dos Irmãos Grimm, *Chapeuzinho Vermelho* e *Os três porquinhos* são exemplos de como o lobo (o animal temido) representa a figura do pai. Metáfora das fobias infantis, nessas histórias o lobo torna-se modelo para a resolução da questão edipiana e da superação do medo de crescer, além da escolha entre o princípio do prazer e o princípio da realidade.

Nos dias de hoje, a medicina e a psiquiatria desmistificaram, em grande medida, a licantropia. A metamorfose de homem em lobo seria uma transformação imaginada em delírios de pessoas acometidas por transtornos psicóticos. Outras pesquisas médicas identificaram os sintomas da licantropia e do vampirismo a manifestações das porfirias, doenças genéticas e sem cura. Os contos de fada, porém, permanecem através dos tempos e continuam a povoar nossa imaginação com os eternos medos do homem.

Do mito à história: a grande injustiça com o lobo

Na história da civilização, veremos como o lobo foi um dos animais mais perseguidos – em alguns casos, com grande injustiça. Sua presença nos ritos agrários é tão antiga quanto a humanidade: na própria Grécia, o Zeus Likaios, o que tinha a





forma de lobo, era reverenciado com sacrifícios humanos para que dirigisse os ventos, fazendo verter a chuva e fertilizar os campos. Reúnem-se aí o duplo simbolismo de virilidade e fertilidade, associados ao lobo e à loba.

Componente das crenças europeias, o lobisomem é um dos espíritos das florestas, e seu aspecto devorador tem uma dupla valência: sua goela

está ligada à alternância entre dia e noite, devora o dia para permitir a chegada da noite. Assim, a goela é a caverna noturna e a saída dela, o ressurgir do sol, a aurora – essa associação morte-vida, sendo um inequívoco simbolismo de teor iniciático.

Na Idade Média, quando ainda vigorava a magia agrícola, o lobo era invocado na forma do licantropo com vista na proteção das colheitas, no fim das secas e dos flagelos da natureza. Era a época dos cultos de fertilidade, cujos participantes foram pouco a pouco transformados em bruxos, e seus ritos, em sabá diabólico, pela fúria inquisitorial dos padres do Santo Ofício. No período entre os séculos XVI e XVIII, o lobisomem, o feiticeiro, a bruxa podem ser simbolicamente compreendidos como a representação mais temida do “Outro”, isto é, dos que não fazem parte da comunidade cristã.

Na França do século XVI, a superstição do lobisomem era comum, e sua evidência são os numerosos julgamentos de assassinato e canibalismo, todos atribuídos a ele. Nessa sociedade camponesa, epiléticos, crianças que nasciam na véspera do Natal, a sétima filha de uma família, mulheres adúlteras, eram todos acusados de lobisomens. Juntamente com os doentes mentais e as pessoas debilitadas ou aleijadas, foram sacrificados na fogueira.

Com o crescimento da população, as florestas começaram a ser dizimadas, e os lobos famintos eram obrigados a caçar os animais domésticos, aumentando ainda mais o ódio contra eles, o que fez surgirem muitas lendas. Nessa época, o lobo já era um animal estigmatizado e a Europa inteira mobilizou-se para a sua caça. É famosa a história da fera de Gévaudan, no século XVIII, que ficou como um enigma na história da França, porque envolveu intrigas reais entre católicos e protestantes. Essa fera seria um lobo ou um casal de lobos – que, segundo a crença popular, teria matado mais de cem pessoas –, animal misterioso que ninguém conseguia ver direito e muito menos capturar. Depois de muitas tentativas, a fera foi morta, também de forma misteriosa, e seu caçador ganhou prêmios e estátuas. Hoje se acredita na hipótese de um *serial killer*, cometendo assassinatos, que espertamente se aproveitou da presença dos lobos na região para encobrir seus crimes. No Languedoc francês existe o Gévaudan Wolf Park, onde lobos de várias partes do mundo vivem em semiliberdade e podem ser visitados.

No século XIX, imigrantes europeus chegados à América introduziram o temor ao lobo e recomeçou o extermínio, aliado à caça ao búfalo, que durou até 1980.

O exercício da ética no mundo contemporâneo

O valor negativo do lobo disseminou-se chegando até à filosofia ocidental. No século XVII, o filósofo inglês Thomas Hobbes pontificou, a respeito da vida social: “O homem é o lobo do homem”. Infelizmente, a frase de efeito de Hobbes aplica-se bem em uma sociedade na qual a moralidade se reduz aos interesses e paixões individuais, e os fundamentos da ética pessoal e coletiva são abalados pela corrupção e ausência de espírito público.

Somando-se a isso o fato de vivermos em uma sociedade hedonista e narcísica, entende-se facilmente como a metáfora do lobo cola-se à nossa pele e às nossas mentes. Em uma sociedade de consumo, o lobo transforma-se em lobo de si mesmo, pois o lobo esfomeado (símbolo do desejo primitivo não elaborado) traduz-se na compulsão de ter tudo, gerando insatisfações e neuroses. Daí nos lembrarmos de que a figura do lobisomem, união do duplo homem/lobo, é uma metamorfose tida em muitas tradições como resultado de castigo divino.

Dessa forma, a fábula traz possibilidades de reflexão sobre o dinamismo dessas forças primitivas, como o instinto de conservação lupino (que também é atributo nosso). Examinando-as, em uma busca interior em direção a um movimento de reelaboração, estaremos aptos a rever nossos valores. Valores renovados para se buscar a justiça e a ética e para educar nossos filhos com base em princípios de paz e solidariedade, em vista de nossa integridade como seres humanos.

Essa inteireza só pode ser conquistada se sairmos em busca de uma nova moralidade, no sentido de escapar da dualidade simplista do bem contra o mal. Poderemos então enfrentar nossos conflitos entre luz e sombra, em um esforço de integração consciente e de humanização desses aspectos. Exercitaremos assim a ética cotidiana como seres sociais, co-responsáveis pela história que construímos a cada dia.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Língua Portuguesa

O lobisomem no folclore brasileiro

As informações no interior da história, no *Diário de um lobisomem*, podem ser úteis como pontos de partida para um exercício de Língua Portuguesa. Com base na leitura de várias versões de um conto que tenha a personagem do lobo ou do lobisomem, uma roda de conversa pode ser feita para apontar as semelhanças e diferenças entre elas. Se todos já conseguem ler, peça para fazerem uma leitura prévia, para que uma leitura comparada possa ser feita conjuntamente.

Durante a conversa, será indicado como cada cultura muda o





jeito de contar uma mesma história; como cada lenda é recontada de maneira a incluir elementos do momento histórico e da imagéria típica de cada região. Nesse processo, são inseridas variações lingüísticas, personagens do folclore local, alterados os tipos de animais e o comportamento deles, a moral implícita ou explícita etc. Assim, eles perceberão

o entrecruzamento entre as práticas sociais e a criação e recriação da cultura.

Para ajudar a organizar esse trabalho, sugiro obras que tratem do lobisomem no folclore brasileiro e/ou nos contos da tradição européia. Você pode trabalhar com as variações do mito do lobisomem coletadas por Câmara Cascudo (item 4 das Referências Bibliográficas) ou com duas diferentes versões do conto *Chapeuzinho Vermelho* (itens 6 e 7 das Referências Bibliográficas).

Ao final, peça aos alunos para escreverem eles próprios um conto em que o lobisomem seja personagem principal. Pode ser uma história de lobisomem que lhes foi contada, uma adaptação de um conto lido por eles ou mesmo a combinação das duas coisas. Sem esquecer que, é claro, podem inventar uma historinha completamente diferente! Será um exercício de imaginação que os ajudará também na capacidade de raciocínio para realizar a transição entre a linguagem oral e a escrita e na habilidade de organizar as idéias no formato de uma história com início, meio e fim.

Se estiver com uma turma na fase de letramento, aproveite para apresentar às crianças os vários formatos de apresentação dos textos: como são diferentes os aspectos gráficos de uma lista de compras, uma história em quadrinhos, uma receita de bolo, um artigo de jornal, uma poesia, um conto de fadas etc.

Arte e meio ambiente: o lobo não é tão mau

Depois de ler as histórias produzidas pelos alunos, examine nelas alguns tópicos, por exemplo:

- a presença do medo;
- aspectos comportamentais do lobo: traz ambigüidade ou se define como bom ou mau?
- como a figura do lobo se relaciona com as outras personagens;
- as soluções encontradas para os conflitos do enredo.

Selecione a história que trazer maior variedade de aspectos do lobo ou lobisomem e proponha aos alunos uma pequena dramatização. (Para um embasamento teórico, você pode consultar os itens 2, 5 e 8 das Referências Bibliográficas).

O jogo entre fantasia e realidade, o faz-de-conta característico do teatro, tem efeito pedagógico e preserva as crianças do aprofundamento de suas fobias. A di-

nâmica da criação e a exteriorização do medo sob a forma da arte iluminam nossas sombras inconscientes, afastando os fantasmas e ajudando a enfrentar nossos perigos reais. Dessa forma, estaremos nos apropriando da função exploratória e socializante do símbolo.

Se a turma for composta de crianças muito pequenas, faça uma brincadeira com a personagem do lobo. Esta vem de Minas e é à moda antiga. Chama-se Sô Lobo. Uma criança é escolhida para ser o lobo e se esconde. As outras dão as mãos e caminham, enquanto cantam: “Vamos passear na avenida, enquanto o Sô Lobo está aí?” Chegando perto do local, a criança que está fazendo o papel de Sô Lobo diz estar ocupada, que está tomando banho, vestindo-se, ou coisa assim. As crianças se distanciam e depois voltam fazendo a mesma pergunta e recebendo respostas iguais. A brincadeira se repete até que Sô Lobo, sem nada responder, sai correndo atrás das outras crianças. A que for pega passa a ser o Sô Lobo na próxima vez.

No reino animal, o lobo é um dos animais de mais fácil adaptação no planeta, por aliar inteligência, poder e sociabilidade. Mesmo sendo um dos mais ferozes predadores, na luta pela sobrevivência ele enfrenta um animal ainda mais cruel: o homem. Ameaçado de extinção, naturalistas e biólogos lutam por sua preservação em várias partes do mundo. No site da World Wild Foundation Brasil, <http://www.wwf.org.br>, encontram-se boas informações sobre o tema da biodiversidade, incluindo dados sobre o tráfico de animais silvestres.

Um acréscimo importante seria associar a essas informações algo sobre o lobo brasileiro, aquele de verdade, que outrora vivia livre no cerrado e hoje está em risco de extinção, como é o caso do lobo-guará. No link <http://www.bibvirt.futuro.usp.br/infantil/chapeuzinho.html> pode-se ouvir uma divertida variação da história de Chapeuzinho Vermelho, adaptada à fauna brasileira, que se chama “Chapeuzinho Vermelho e o Lobo-Guará”.

É preciso desde cedo inculcar nas crianças o amor aos animais, ensinando-lhes a importância da preservação das espécies e o respeito a todas as formas de vida. Se houver oportunidade, leve-as para conhecer alguns animais, mesmo que seja em um passeio ao zoológico. Ensinar as crianças a respeitá-los é indicar-lhes que desse modo estaremos respeitando a nós mesmos, pois somos igualmente parte de um grande todo, um ponto no cruzamento desses fios essenciais que sustentam a grande trama da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

1. AZEVEDO, Ricardo. O lobisomem. In: *Armazém do Folclore*. São Paulo: Editora Ática, 2000.
2. BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
3. BRANDÃO, Adelino. *A presença dos Irmãos Grimm na literatura infantil e no folclore brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1995.

4. CASCUDO, Luís da Câmara. Lobisomem. In: *Geografia dos Mitos Brasileiros*. São Paulo: Global, 2002.
5. CORSO, Diana Lichtenstein; Mário. *Fadas no divã. Psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
6. GRIMM, Jacob; Wilhelm. Chapeuzinho Vermelho. In: *Contos de Fadas*. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 2000.
7. PERRAULT, Charles. Chapeuzinho Vermelho. In: *Contos de Perrault*. Coleção Lendas e Contos. São Paulo: Paulus, 2005.
8. VON FRANZ, Marie-Louise. *A sombra e o mal nos contos de fadas*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
9. ZAN, Betty; DEVRIES, Rheta. *A ética na educação infantil. O ambiente sócio-moral na escola*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

Sites

<http://www.sescsp.com.br/sesc/convivencia/curumin/mitos/lobisomen.htm>

Este site traz o áudio da história do lobisomem, do livro de Ricardo Azevedo, na voz do ator Sérgio Mamberti, da série Castelo Rá-Tim-Bum; pode-se fazer um download do jogo "A noite do lobisomem".

<http://www.ibama.org.br>

No Livro Vermelho do IBAMA constam todas as espécies da flora e da fauna brasileiras ameaçadas de extinção, uma delas é o lobo-guará.

Filmes e documentários

Mogly, o menino lobo. Desenho animado. DVD em cores, dublado em português, s/d, 50 minutos. Distribuição: Rexmore. Recomendação: Livre.

Pedro e o lobo (Peter and the Wolf). Desenho animado. Direção: George Daugherty. Música: Sergei Prokofiev. DVD em cores, dublado em português, 2003, 48 minutos. Distribuição: Columbia Pictures.

Território selvagem: lobo (Wolf Battlefield). Documentário da BBC de Londres, DVD em cores, legendado e dublado, 2005, 49 minutos. Distribuição: Abril Cultural. Recomendação: Livre.

Maria Helena Vieira, que elaborou este encarte, é formada em Filosofia e adora ler – inclusive histórias de lobisomem. Aliás, também gosta de um bom filme de terror. Fez mestrado em Educação na USP, com uma dissertação sobre o imaginário de Vincent van Gogh, como parte da pesquisa sobre as relações entre Imaginário, Arte e Educação. É pós-graduanda em Tradução da Língua Francesa, também na USP.